

Lago Sul quer amortecer migração já no Entorno

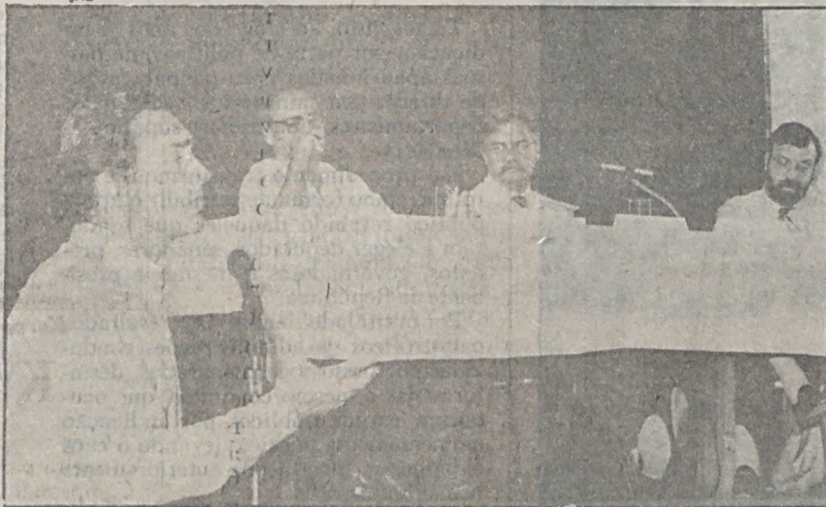
Uma das propostas feitas na segunda fase do seminário para elaboração do Plano Diretor gerou muita polêmica e protestos em quase todas as cidades-satélites. Dikran Berberian, prefeito comunitário do Lago Sul, propôs a criação de cidades-amortecedoras a pelo menos 200 quilômetros de Brasília para barrar o fluxo migratório que continua elevado e teria se agravado após a política de fixação de favelados desencadeada pelo governador Joaquim Roriz.

Segundo Berberian, a política de adensamento proposta por muitos técnicos e aceita pelas comunidades carentes, não resolve a questão fundamental que tem sobrecarregado os serviços públicos e a infra-estrutura de Brasília. Cada imigrante que chega representa três futuros moradores da cidade que virão na sua esteira (irmãos, primos, filhos, etc). O ideal, para ele, seria criar grandes centros de recepção e triagem desses migrantes, com opções econômicas, sobretudo atividades rurais, para impedir a continuação da viagem até o Plano Piloto.

A primeira manifestação de repúdio a essa proposta veio do presidente da Associação dos Incansáveis da Ceilândia, Eurípedes Santos. Ele disse que tal atitude só amplifica o modo de governar até hoje praticado em Brasília, em que as pessoas carentes são colocadas cada vez mais distantes do Plano Piloto e dos locais que escolheram para morar.

Disse que os atuais moradores da Ceilândia já habitaram próximo ao Plano e a cada decisão tomada em Brasília eles eram afastados para cada vez mais longe. Com a criação de tais cidades-amortecedoras, os ceilandenses seriam tangidos ainda mais. "Se o Goiás não fosse tão grande, a gente acabaria che-

DIVULGAÇÃO



Proposta de Dikran Berberian (E) provocou polêmica no seminário

gando à Suíça", ironizou o líder comunitário.

Rodrigo Rollember, que mora no Setor de Mansões Park Way, também foi contra a idéia dos amortecedores pois, para ele, só irão para lá os pobres. Seria apenas uma maneira do Plano Piloto se livrar dos "indesejáveis". Lembrou que a distribuição de lotes em massa, hoje, só é necessária porque não há no País uma política de distribuição de terras que evite a migração e Brasília, por não ser uma ilha, não escapa às consequências de um modelo econômico distorcido.

Lembrou também que os municípios do Entorno já seriam por si só, se houvesse justiça econômica no País, um amortecedor de migração. Mas o que se observa é que de cada 100 crianças de Brasília, 90 são originárias do Entorno, conforme levantamento da Secretaria do Serviço Social.

A Codeplan está compilando num videocassete cerca de mil depoimentos de lideranças comunitárias de Brasília e todas as cidades-satélites, levantados na segunda etapa do seminário. Depois de produzido o documentário, serão distribuídas 60 cópias entre os partidos políticos, administrações regionais, entidades de

classe, a bancada do DF no Congresso e representações civis da comunidade.

A idéia do trabalho é juntar a primeira fase do seminário, que reuniu no Plano Piloto mais de mil depoimentos técnicos, com a participação de especialistas em urbanismo, meio ambiente, planejamento e uso do solo, com a segunda etapa, realizada em cada cidade-satélite. "Estaremos, assim, unindo o saber técnico com o saber popular na elaboração de uma peça, o Plano Diretor, que poderá ser um instrumento de gestão democrática de Brasília", sintetizou o presidente da Codeplan, Paulo Zimbres.

O documentário, que também ganhará a forma de livro, tende a ser uma das vedetes da campanha deste ano para a Assembléia Distrital, a ser eleita em 3 de outubro, pois reflete as prioridades e vontades da população brasileira, confrontadas com os embasamentos técnicos que ajudaram a clarear as discussões. É a primeira vez que o planejamento público no DF sai dos gabinetes fechados do Plano Piloto e mergulha fundo no debate coletivo, inaugurando a autonomia política só agora conquistada na capital do País.